

O “detalhe” é um elemento intrínseco a um objeto ou a uma análise historiográfica de maior dimensão, cujo estudo muitos historiadores da arte ressaltam como premissa metodológica. De fato, como escreveu Daniel Arasse, em 1992, em seu livro recentemente reeditado (2014), o detalhe é mais do que um mero *recorte*, pois fornece informações, e contribui para iluminar o significado, o uso ou a autoria de uma obra de arte.

Seguindo a sua premissa, consideramos a análise dos “detalhes” como um elemento verdadeiramente formador - tanto do olhar do historiador da arte, como da própria pesquisa historiográfica.

Propusemos assim organizar este dossiê a partir de três linhas temáticas: “Por uma história da arte através do detalhe”, “O detalhe na obra / obras em detalhe” e “Apropriações e rejeições na arte contemporânea”.

No âmbito da primeira linha, abordaríamos o que chamamos “aparições e revelações do suporte material”, incluindo análises científicas – como microscopia ou o estudo de pigmentos, mas também métodos expositivos e suas mensagens subliminares, e ainda o detalhe em relação às demandas do tempo (a pesquisa historiográfica na compreensão das artes visuais, iconografia, retoques, restauros, etc.). A segunda linha, intitulada “O detalhe na obra / obras em detalhe”, dividia-se entre o “detalhe visual” e o “detalhe epigráfico”: permitiria abordar o detalhe ora como elemento plástico *per se* (e através dele as noções de minúcia e miniatura), ora como subversão do sentido (abrindo espaço para ironia e escatologia). Permitia ainda trabalhar a presença de letras “soltas”, legendas e dizeres, assinaturas e monogramas – introduzindo estudos no campo das “apropriações e rejeições na arte contemporânea” – a terceira vertente da temática.

A resposta à chamada para o dossiê surpreendeu-nos não apenas pelo volume de propostas, mas pela diferença numérica em termos de abordagens temáticas – assim, considerando que a leitura on-line é por natureza não linear, tomamos a decisão pouco usual de ordenar os textos

segundo critérios visuais, e não temáticos.

Expressamos a importância do detalhe na arte contemporânea pela escolha da capa, a fotografia sem título do artista luso-brasileiro Pedro Lobo, centrada nos detalhes, em claro-escuro, na dobra do panejamento de uma imagem. Nesta obra, a apropriação e a releitura de um detalhe permitem que um recorte de uma obra barroca se transforme em outro trabalho autoral.

De fato, detalhes como uma pincelada solta ou contida, um resto de policromia numa escultura, o realce num olhar ou uma joia, o gesto de um personagem secundário, e até a presença e forma de uma assinatura (verdadeira ou apócrifa, por extenso ou não) apontam significados. Alguns subvertem a leitura inicial, como uma a mosca pintada em *trompe l'oeil* pousada na roupagem de um retratado, que pode indicar pecado ou morte; ou um cacho de uvas na mão de um Menino Jesus ainda no colo da mãe, anunciava, no século XVI, o derramamento do seu sangue e o sacramento da eucaristia.

Além da identificação da época ou da autoria de uma obra, a sua observação pode direcionar estudos que subvertem não apenas o significado, mas a própria materialidade de uma obra, como demonstra o artigo *A radiografia de um tempo. A Anunciação do Museu Nacional de Machado de Castro*, apresentado pela diretora do museu, professora Maria de Lurdes Craveiro, e os membros da sua equipe envolvidos no restauro da obra: Virginia Gomes, Mercês Lorena, Francisco Gil e Lídia Catarino.

Um detalhe pode também servir para explorar uma obra de arte além da sua visualidade imediata, ajudando a inseri-la mais completamente, no contexto cultural do seu tempo. É o que faz Paulo Simões Rodrigues, professor e diretor no Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora, em Portugal, ao surpreender-nos com a presença de um pequeno trem, esculpido num capitel medieval, durante o seu restauro oitocentista. No seu texto *O detalhe como dispositivo*

*temporal do restauro arquitetónico em Portugal no século XIX: o caso do comboio no convento da Madre de Deus em Lisboa*, Rodrigues comprova através deste detalhe que, em finais do século XIX, as mais “modernas” teorias sobre a conservação e o restauro do património edificado já eram conhecidas em Portugal.

Contudo, como dissemos, nem todo detalhe é recorte visual. Pode tratar-se também de um elemento complementar ou subliminar, passível de passar despercebido numa primeira análise. Pode ser assim o rosto da figura que observa, de outro cômodo, a cena principal de uma pintura, mas também o tipo de madeira que emerge entre as tintas de um painel, a espessura de uma xícara de porcelana, ou ainda a voluta de uma moldura onde incide - ou falta - luz numa exposição, a vitrine num canto do museu, o móvel que destoia da decoração, o nome desconhecido numa carta ao artista.

O detalhe “pode assumir várias dimensões, entre o pormenor, uma parte num todo, um fragmento, elemento mínimo, marginal, liminar, passando pelo carácter de elemento autónomo, simbólico, significativo, dispositivo *modificador*, até de um acaso, ou insignificância ou, pelo contrário, de um exagero formal” como explica Carla Alexandra Gonçalves, professora na Universidade Aberta, em Coimbra.

De facto, enquanto o seu artigo *O detalhe fora da vista: as torres da Catedral de Ruão*, baseia a análise teórica em gigantescos detalhes arquitetónicos, destinados ao olhar divino, a professora Marize Malta, diretora do Museu D. João VI da Escola de Belas Artes da UFRJ no Rio de Janeiro, nos convida a uma viagem pelos ínfimos detalhes de paisagens em pedra, no artigo *Detalhes importam: micro mosaicos e a estética da coisa minúscula*.

O detalhe é igualmente determinante para o estudo e a compreensão da iconografia religiosa, nomeadamente cristã. Fundamental para a “leitura” das imagens pelo público ao que se destinavam, encontra-se na raiz da sua elaboração pelos artistas - e o fascínio da sua multiplicidade

ajuda a revelar sutilezas conceptuais em algumas obras-primas da arte ocidental, como no artigo das professoras Sandra Makowiecky e Luana Maribele Wedekin, da Universidade do Estado de Santa Catarina, *Detalhes em São Jerônimo: pura atração e fascínio*.

É também a concepção e a leitura iconográficas de fundo religioso no âmbito do catolicismo que aborda a professora da UDESC Luciane Garcez, no seu artigo *Unindo o divino e o humano: um mergulho nos detalhes e simbolismos de três Virgens medievais*.

Já o professor Marco Antônio Baptista, autor do artigo *Sebastião Vieira Fernandes e o retrato de Bethencourt da Silva*, ao apresentar uma leitura detalhada do retrato do fundador do Liceu de Artes e Ofícios, procura entender um pouco mais sobre o retratado e a linguagem poética deste artista catarinense, elaborando de certo modo uma iconografia secular do retratado.

O artigo *A visibilidade tênue e a delusão na Imagem do Pinheiro na pintura paranaense* da professora Cleidiane Lourenço, da Universidade Estadual do Centro-Oeste prossegue no estudo da arte secular dos séculos XIX e XX. Analisa a imagem do pinheiro que surge, enquanto detalhe, em obras de artistas de diferentes períodos e contextos do Estado do Paraná. A partir das reflexões de Georges Didi-Hubermann, apresenta o pinheiro “como um processo de acumulação de espaço, tempo e memória, que implica a diferença e a repetição, o sintoma e a abertura da imagem na sua relação com a história, na convocação de um passado e/ou futuro, que interrompe o tempo linear.”

Dra. Nathalie Lemoine-Bouchard, uma das maiores especialistas em pintura em miniatura, participa neste dossier com o artigo, *Le détail dans la miniature* onde explica como esta modalidade minúscula de pintura, intrinsecamente ligada ao detalhe, nascida da tradição das iluminuras, foi-se tornando independente dos livros no início do século XV, mas permaneceu sempre uma arte ambígua, cujos praticantes jogaram com detalhes na *praxis* e na nomenclatura, para passar através das regras

das guildas profissionais e da fiscalidade para fazer reconhecer a sua especificidade. A análise dessa modalidade prossegue com uma resenha do livro *Renaissance Illuminators in Paris. Artists & Artisans 1500-1750* por Richard e Mary Rouse, escrita pela pesquisadora Céline Cachaud, da Universidade de Genebra. É curioso que, novamente, mais do que a visualidade específica à pintura “em pequeno”, abordam-se detalhes semânticos e historiográficos da modalidade. De facto, esta especialista na miniatura no século XVI, atualmente no Museu do Louvre, analisa descobertas dos autores sobre a evolução da profissão dos iluminadores franceses, o seu cotidiano, e sua integração na comunidade artística parisiense – e como, ao apresentá-las, os Rouse acrescentam detalhados elementos e reflexões sobre a evolução semântica da palavra *miniaturiste* que surge no vocabulário e no mundo cultural parisiense do início do século XVII.

Também optamos por uma abordagem pouco visual do termo “detalhe” no artigo que submetemos: *Direction : Rome - détails d'un trajet entre Lisbonne à Gênes à la fin du Settecento*. O artigo procura olhar por trás das telas, compreender alguns condicionantes da criação artística num tempo e espaço determinados - aproximando a história da arte de disciplinas como a história das mentalidades. Não se pretende, obviamente, uma relação de causa a efeito, mas elaborar um possível “pano de fundo” para o conhecimento visual e a criação. Neste caso, retraçamos, a partir de fontes primárias, um dos percursos usuais entre Lisboa e Roma em finais do século XVIII – fora dos trajetos canônicos, a partir de Londres ou Paris. As etapas detalhadas da viagem ajudarão, talvez, a recriar algo da experiência de tantos artistas, portugueses, brasileiros, e até espanhóis para os quais a Cidade Eterna representava ainda o modelo estético e cultural a seguir. Mas este, é outro tema...

Como sempre acontece, mas pouco se menciona, este número 33 da Palíndromo dedicado ao Detalhe, com textos em diferentes línguas de investigadores da França, Portugal e Brasil, resulta de um verdadeiro

trabalho de equipe. Agradeço à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e ao Centro de Arqueologia, Artes e Ciências do Patrimônio (CEAACP) da Universidade de Coimbra pelo financiamento do meu trabalho, às Professoras Sandra Makowiecky e Luana Wedekin pela honra do convite e por sua competência e dedicação no elaborar da revista. Agradeço também a todos aqueles que submeteram textos à revisão cega de seus pares, e aos investigadores e professores que aceitaram dedicar-se, durante semanas, ao ingrato trabalho anônimo desta revisão. Cabe sempre lembrar que não podemos publicar tudo o que é proposto, mas - como para o autor - cada rejeição é dolorosa também para o avaliador. Não se trata de competição – mas de troca de ideias e informações, de uma verdadeira colaboração intelectual. Continuamos a aprender com livros e colegas - participantes, todos, no que um dia se chamou a “República das letras”; e eu agradeço a todos.

Peço que Luana Wedekin me permita um adendo: traz à Palíndromo muito mais do que uma grande cultura e um empenho incansável, possui dois elementos ainda mais raros no mundo acadêmico: bom senso e bom humor. Como dizemos em Portugal: “Bem haja!”

Patricia Delayti Telles

